DOI 10.35168/2175-2613.UTP.pens_ed.2026.Vol21.N59.pp28-41

A ESCUTA DE CRIANÇAS PELA PERSPECTIVA DE PESQUISADORES INICIANTES

LISTENING TO CHILDREN FROM THE PERSPECTIVE OF BEGINNING RESEARCHERS

Hardalla Santos do Valle[1]
Ângela Adriane Schmidt Bersch[2]

Resumo

O presente artigo objetiva discutir as percepções de seis graduandos do curso de Pedagogia de uma Universidade pública do sul do Brasil, sobre as suas experiências como pesquisadores iniciantes. Durante dois anos, os sujeitos participantes realizaram a escuta de crianças em espaços não-formais. Para a compreensão das suas percepções, foi utilizado o aporte metodológico da análise documental, qualitativa, do conteúdo gerado via questionário google forms (Minayo & Costa, 2018). As questões respondidas pelos estudantes abrangiam a definição da escuta das crianças, a relação adulto/criança no contexto da escuta em espaços não-formais e as interferências desta experiência de pesquisa na/s realidade/s das crianças ou nas suas, enquanto pesquisadores. Entre os resultados obtidos, podemos mencionar que a compreensão adultocêntrica se constituiu como um desafio ao estudo da escuta e a experiência na pesquisa foi agregadora à compreensão das crianças como seres que se posicionam em relação ao contexto em que estão inseridos.

Palavras-chave: Pesquisa. Relação adulto-criança. Escuta.

Abstract

This article aims to discuss the perceptions of six undergraduate students of the Pedagogy course at a public university in southern Brazil, about their experiences as novice researchers. For two years, the participating subjects listened to children in non-formal spaces. In order to understand their perceptions, the methodological contribution of qualitative documentary analysis of the content generated via a Google Forms questionnaire (Minayo & Costa, 2018) was used. The questions answered by the students covered the definition of children's listening, the adult/child relationship in the context of listening in non-formal spaces and the interferences of this research experience in the reality/s of the children or in their own, as researchers. Among the results obtained, we can mention that the adult-centric understanding constituted a challenge to the study of listening and the experience in the research was an aggregator to the understanding of children as beings who position themselves in relation to the context in which they are inserted.

Keywords: Research; Adult-child relationship; Listening.

1 Doutora em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas (PPGE-UFPEL). Professora da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Orcid: https://orcid.org/0000-0002-7653-2834 E-mail: hardalladovalle@gmail.com

2 Doutorado em Educação Ambiental pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Professora do Instituto de Educação da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), RS, Brasil. Orcid: https://orcid.org/0000-0002-1263-9309 E-mail: angelabersch@gmail.com

INTRODUÇÃO

O objetivo desse estudo foi analisar a experiência de seis acadêmicos do curso de Pedagogia diante do pesquisar com crianças[3] em contextos não formais de educação. Parte-se da compreensão de Benjamin (2012) de que a experiência é o que nos mobiliza, nos toca, e pode vir a colaborar para uma transformação, através da força do coletivo, da participação do outro, do partilhar de sentidos e signos. Os participantes da pesquisa são cinco mulheres e um homem, com idades entre vinte e trinta anos. Todos são sujeitos vinculados a uma Universidade pública do sul do Brasil e a um grupo de pesquisa sobre infâncias, que realiza reuniões semanais de estudos. Evidenciamos que a pesquisa seguiu os preceitos éticos estabelecidos pela Resolução Nº 510 (BRASIL, 2016). Logo, (referenciem.. ex: Brasil...)todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, o qual lhes assegura o sigilo e anonimato neste estudo.

A inserção destes graduandos em espaços não-formais de educação acontece há dois anos, ou seja, desde fevereiro de 2023. Sobre esses espaços, cabe explicar que os definimos como pontos em que ocorrem atividades educacionais que não se inserem dentro do sistema formal de ensino, ainda que possam operar em consonância ou de forma a complementá-lo. As atividades englobadas pela educação não-formal são planejadas e efetivadas para atender um grupo específico, com objetivos de aprendizado bem delineados. Este conceito está ligado "fortemente a aprendizagem política dos direitos dos indivíduos enquanto cidadãos e à participação em atividades grupais, sejam esses adultos ou crianças" (Gadotti, 2005, p.3). São múltiplos os espaços que podem ser definidos como não-formais. Além das próprias escolas (onde pode ser oferecida educação não-formal), pode-se mencionar Organizações Não-Governamentais, instituições religiosas, sindicatos, partidos, a mídia, as associações de bairros, etc.

Ao pensarmos sobre o movimento de pesquisar nesses espaços, apontamos como imprescindível avançar na proposição de realizar pesquisas com as crianças, em detrimento de fazê-las sobre ou para elas. Contudo, também compreendemos a complexidade da preposição "com", no qual estão embutidas expectativas de envolver as crianças, de forma que possam manifestar suas percepções acerca das coisas do mundo. É essa ideia que justifica a presente discussão sobre os desafios encontrados por pesquisadores iniciantes. Acreditamos que a experiência da pesquisa

3 Neste artigo, concebemos como crianças os indivíduos que possuem de 0 a 12 anos incompletos, em conformidade com a definição do ECA/90.

pode nutrir a sensibilidade pedagógica relacionada às crianças. Porém, há um processo bidirecional que é preciso levar em conta para não nos equivocarmos enquanto pesquisadores. Para que isso não aconteça, o processo da pesquisa com crianças precisa ser discutido de forma cuidadosa, ética e responsável.

Nessa linha, as questões centrais dessa pesquisa são: Como os pesquisadores participantes deste estudo definem a escuta das crianças? Como percebem a relação adulto/criança no contexto da escuta em espaços não-formais? Concebem que a escuta das crianças muda ou interfere na/s realidade/s deles ou nas suas, enquanto pesquisadores?

A seguir, este artigo está organizado em três seções. Iniciamos com uma abordagem teórica sobre a pesquisa com crianças e o ato da escuta. Em seguida, discorremos acerca da construção desta pesquisa e a análise dos dados. Por último, apresentamos algumas considerações sobre a relação entre o objetivo do trabalho e os resultados encontrados.

Pesquisa com Crianças: o Ato da Escuta

Partimos do pressuposto de "que as crianças têm um papel central nos processos de construção de conhecimento acerca de si, o que exige um olhar mais denso e cuidadoso sobre os métodos de pesquisa e sobre a ética nas relações desenvolvidas" em processos investigativos (Fernandes e Marchi, 2020). As autoras ainda destacam que, no campo acadêmico, partimos de uma quase invisibilidade da criança para uma consolidação de argumentos em prol da sua centralidade, alinhando, nesse processo, os direitos de provisão, proteção e de participação, aspectos preciosos para a sociologia da infância.

Compreender a relevância e a importância de pesquisas que coloquem a criança como central ou, ainda, como protagonista não significa, necessariamente, saber como fazer tal investigação, em termos de métodos e técnicas, tanto de produção como de análise de dados a fim de assegurar o registro das vozes e manifestações das crianças. O fato de o adulto entender seu papel, sua constituição e sua condição de pesquisador pode ser um início.

Sobre isso, Allisson James (2007) já nos alertava, indicando que ouvir a voz das crianças não é simplesmente deixar que falem. Significa despir-se, enquanto adulto, de conceitos, categorias e hipóteses elaboradas previamente que possam interferir no estudo investigativo. Ainda, destaca, entre outros aspectos, a questão da autenticidade ao referir-se a problemas ou dificuldades do pesquisador com relação à mediação, tradução ou

interpretação no exercício de escuta das crianças, respeitando o seu ponto de vista, sem deturpar aquilo que foi dito ou manifestado.

Outro aspecto para o qual James (2007) chama atenção está relacionado à diversidade que é constituinte da voz ou das vozes das crianças. Destacar uma voz pode mascarar ou apagar outras tantas que possivelmente destoam e discrepam daquela escolhida.

> Desse modo, em vez de se atribuir à criança, a todas as crianças, visibilidade ou audiência como ator social, alimenta-se uma retórica vazia de diversidade, vazia de significado, que deturpa o conceito de voz plural e diversa, que não resgata as experiências únicas de cada criança em sua individualidade e enquanto sujeito pertencente ao espaço geracional coletivo que é a infância (Fernandes & Marchi, 2020, p.05).

Sobre isso, Bronfenbrenner (1996) afirma que aquilo que interessa ao desenvolvimento humano e para a pesquisa é o ambiente conforme ele é percebido pela pessoa, nesse caso, a criança, e não conforme ele poderia existir na realidade objetiva na percepção do pesquisador. O autor faz críticas às pesquisas que retiram as crianças de seu contexto e as colocam em "situações desconhecidas com adultos desconhecidos pelos períodos de tempos mais breves possíveis" (Bronfenbrenner, 1996 p. 16). Portanto, temos aí uma excelente pista em relação ao contexto em que pode ser desenvolvida a pesquisa com criança e em relação ao fator tempo, o que o autor denomina de validade ecológica.

Para alcançar a validade ecológica, é preciso considerar a percepção e a interpretação que os participantes do estudo têm sobre a situação de pesquisa. Nessa perspectiva, é preciso ponderar: "sempre que existir uma discrepância entre a percepção que o sujeito tem da situação de pesquisa e as condições ambientais pretendidas ou supostas pelo investigador" (Bronfenbrenner, 1996 p. 24).

O estudo de Agostini e Moreira (2019) corrobora essa linha de reflexão quando evidencia que urge refletir sobre o lugar, bem como sobre o ambiente, de pesquisas com crianças. Na maioria das vezes, embora as investigações tenham como foco as crianças, percebemos que quem assume a fala por elas são os adultos, ou elas [as crianças] se tornam sujeitos de uma intervenção que as limita a determinados enquadres de respostas, interação e postura" (Agostini & Moreira, 2019, p.3754).

Autores como William Corsaro (2011), Manuel Sarmento (2004), Ana Cristiana Coll Delgado e Fernanda Müller (2005) defendem as pesquisas que colocam as crianças em destaque, quando se trata de estudos que

as envolvam, e apresentam críticas para as pesquisas sobre as crianças. É preciso urgentemente elaborar "metodologias que realmente tenham como foco suas vozes, olhares, experiências e pontos de vista, o que exige certo abandono do olhar centrado no ponto de vista do adulto, ou adultocêntrico" (Agostini & Moreira, 2019, p.3755).

Nesse sentido, Graue e Walsh (2003) apresentam um estudo sobre a dificuldade em elaborar estratégias metodológicas para pesquisa com crianças justamente pelos distanciamentos, para não dizer abismos, existentes entre adultos e crianças, os quais referem-se às dimensões físicas, sociais, cognitivas e políticas.

Essas questões ainda são uma "areia movediça", pois não há terreno firme, nem certezas ou, uma única verdade. É preciso, por um lado, estar atento, enquanto pesquisador, aos cuidados que estudos exitosos no compromisso de assegurar a centralidade da criança nas pesquisas tiveram e, por outro lado, não repetir equívocos que outras tantas investigações cometeram. Citamos três impedimentos elencados por Agostini e Moreira (2019, p.3755) na incorporação de crianças como participantes de estudos:

> 1)pesquisador assumir que as crianças são menos competentes, 2) desigualdade nas relações de poder na relação adulto-criança considerando o adulto como autoridade e; 3) diferenças de comunicação entre crianças e adultos.

Pereira (2012a) também destaca a singularidade das experiências no cotidiano das crianças a partir das dimensões sociais, econômicas, políticas e culturais: "sendo parte do todo da cultura, configura-se em experiência genuína de uma determinada categoria social e, junto disso, fornece uma perspectiva de visão de mundo completamente singular" (p. 41).

Elaborar uma pesquisa com crianças vai muito além de uma escolha por participantes. Deve-se considerar o lugar social ocupado tanto pelos pesquisadores como pelas crianças e, por consequência, a produção de conhecimento oportunizada e permitida por esses sujeitos. Implica na escolha de um problema ou objetivo, perspectivas teóricas pertinentes à temática, delimitação do campo, escolha de estratégias metodológicas e de técnicas de análise e, sobretudo, um cuidado constante com a escrita a fim de respeitar o lugar da criança e também do adulto pesquisador. Essa deve ser uma busca obstinada de quem faz pesquisa com crianças, pois "o processo de pesquisa é fundado pelo pesquisador. É ele quem instaura a pesquisa, quem define seu início e seu fim, recorta o vivido/pensado o que transforma em texto" (PEREIRA, 2012b, p.72).

A partir do apresentado sobre a relevância das escolhas relacionadas ao processo metodológico, passamos a explicitá-las na sequência.

As Experiências dos Pesquisadores: Desafios e Potencialidades

Os participantes desta pesquisa são sujeitos inseridos em uma universidade pública, do sul do Brasil. Três participantes estão cursando o terceiro semestre e três estão cursando o quarto semestre da sua formação curricular como pedagogos. Todos participam de um grupo de pesquisa em que realizam estudos sobre as infâncias. Assim sendo, a prática da escuta das crianças foi subsidiada por um acompanhamento sistemático e analítico, realizado por uma orientadora responsável pelo grupo e com experiência na área das infâncias.

Os espaços não-formais em que os participantes estiveram presentes foram uma ONG e uma instituição de acolhimento. Cabe enfatizar que a inserção dos seis participantes em espaços não-formais acontece há dois anos e foi precedida por leituras, discussões e planejamento coletivo dentro do grupo de pesquisa. Neste artigo, adotamos o recorte temporal de um ano e meio para o estabelecimento das questões sobre as experiências dos pesquisadores porque acreditamos que esse período pode abarcar a interlocução entre a teoria estudada e as práticas de escuta. Cumpre mencionar que as questões respondidas pelos estudantes abrangiam temas como a definição da escuta das crianças, a relação adulto/criança no contexto da escuta em espaços não-formais e as interferências desta experiência de pesquisa na/s realidade/s das crianças ou nas suas, enquanto pesquisadores. Destacamos que, por questões de preservação do anonimato, os participantes serão denominados como: A, B, C, D, E e F.

Na ONG, os participantes realizaram as suas inserções aos domingos. Lá, efetivaram brincadeiras e a escuta com quinze crianças, as quais vivem em situação de vulnerabilidade social. Suas famílias obtêm alimentos e alguns serviços, como cortes de cabelo e assessoramento de práticas de higiene bucal, dentro desse espaço. Na instituição de acolhimento, os participantes estiveram presentes nas quartas-feiras e realizaram ações com brincadeiras e escuta com sete crianças, as quais estão amparadas pelo Estado e passam por trâmites legais para reintegração familiar ou adoção. Em relação a gênero e idade, os dois espaços possuem um público diversificado, com crianças entre 4 e 12 anos incompletos.

Em uma primeira etapa, todos os pesquisadores receberam um formulário com questões via Google forms[4] e tiveram um mês para a

4 Google Forms é um aplicativo de gerenciamento de pesquisas lançado pelo Google. Os usuários

reflexão, preenchimento e envio das suas respostas. Em seguida, a análise qualitativa das respostas foi construída pelas autoras deste artigo.

Sobre essa perspectiva metodológica, Minayo e Costa (2018) afirmam que pode prover dados diretamente relacionados aos indivíduos, bem como sobre a realidade que vivenciam. Rhoden e Zancan (2020) acrescentam que esse tipo de investigação coloca o sujeito/colaborador da pesquisa na centralidade da análise, mostrando que ele possui voz e é capaz de refletir sobre suas ações, bem como é ativo, social e histórico.

Uma das dificuldades presentes quando são realizadas pesquisas com crianças está em fazer a mediação na produção dos dados, análise, interpretação da escuta das crianças, dando visibilidade àquilo que de fato as crianças manifestam, sem deturpar o dado (James, 2007). Portanto, o cuidado e o respeito com as manifestações por meio de diferentes linguagens pertinentes às crianças são fundamentais em todas as etapas da pesquisa. Nesse sentido, os dados mostram que os pesquisadores definem a escuta das crianças como um processo complexo, que carece de atenção, respeito e um exercício de desprendimento de noções oriundas do mundo adultocêntrico.

Sobre a escuta, o pesquisador A afirma que:

> Percebi, com essa caminhada de estudos, que eu estava reproduzindo conceitos um dia relatados a mim, estava projetando nas crianças algo que me foi dito durante a minha infância. Contudo, hoje percebo que as crianças têm uma percepção incrível sobre a vida, possuem histórias (mesmo em tão pouco tempo) únicas e podem, sim, expor livremente sua visão de mundo, já que têm o direito de serem escutadas. Por fim, vejo que a escuta atenta das crianças significa deixar que elas nos contem como veem o mundo, quais são as suas percepções, angústias e receios. Devemos estar atentos e sérios perante esses relatos, como em qualquer estudo, pois as crianças fazem parte da sociedade e merecem ter o seu lugar respeitado.

A surpresa com as falas das crianças foi um elemento comum a todos os pesquisadores. Essa compreensão advém de uma ideia, ainda bastante presente no mundo adulto, que concebe as crianças como sujeitos que não possuem a aptidão de se posicionar diante do contexto que vivem. Sobre isso, Costa e Astigarra (2021) declaram que precisamos ouvir a criança no seu aqui e agora, e não simplesmente submetê-la ou projetá-la em um

podem usar o Google Forms para pesquisar e coletar informações sobre outras pessoas e também pode ser utilizado para questionários e formulários de registro.

vir a ser. A reflexividade que se faz em torno das crianças deve respeitar e valorizar suas vivências para entender como a criança relaciona os fatos do seu cotidiano à sua existencialidade.

O relato da participante D segue nessa direção:

> Acredito que minha principal dificuldade foi exercitar uma escuta livre com as crianças. Como em nossa sociedade o lugar de fala da criança é sempre apagado, é comum não escutarmos com clareza e atenção as suas questões. Então, percebi que minha dificuldade foi deixar meu lado "adultizado" de lado e esperar o que as crianças têm para expor livremente.

As ideias apresentadas pelos participantes permitem-nos perceber que somos permeados por um conjunto de aspectos culturais que, ao longo do processo educativo, nos habituaram a um tipo de socialização privilegiadora das expectativas dos adultos. Souza e Sâmia (2016) enfatizam que, para fundar uma nova lógica, embasada na dialogicidade, é preciso ressignificar as nossas práticas tendo em vista que muitas delas ainda reproduzem essa relação verticalizada, baseada em relações de poder.

Nesta lógica, é necessário lembrar que o processo de escuta das crianças envolve variados prismas de comunicação, como menciona a pesquisadora F:

> As crianças falam por meio das suas birras, brincadeiras, agressividade ou silêncios. Por isso, esse processo de escuta vai além da oralidade, envolve a expressão corporal, o gesto, o movimento. Para aprimorar essa habilidade de escuta, deve-se exercitá-la, sempre avaliando cada intervenção.

O exercício da escuta exige o conhecimento das diferentes linguagens da criança. Para Barbosa, Albuquerque e Fochi (2013, p.19), a linguagem da palavra "deriva, também, da linguagem da não palavra – a não palavra tem, dentro de si, muitas palavras, sensações e pensamentos, muitos desejos e meios para conhecer, comunicar e expressar." O discernimento e a percepção da escuta como um processo composto por essas múltiplas linguagens só podem ser construídos por meio de um estudo sistemático, associado a prática.

Isso porque, ao aprofundar a compreensão sobre as diversas linguagens que constituem a comunicação infantil, amplia-se também a capacidade de captar nuances expressivas que vão além da fala articulada. A(O) pesquisadora(o) ao se dedicar à escuta, percebe que gestos,

expressões faciais, silêncios e brincadeiras carregam significados que revelam as formas singulares pelas quais a criança interpreta e interage com o mundo. Assim, ao considerar as múltiplas formas de expressão presentes no cotidiano infantil, potencializam-se experiências de aprendizagem mais dinâmicas e ricas em sentido, favorecendo ambientes em que a comunicação se estabelece de maneira mais fluida e significativa

Sobre a forma como percebem a relação adulto/criança no contexto da escuta em espaços não-formais, a pesquisadora B pontua que, às vezes, a interferência dos adultos responsáveis pelas crianças acontece e isso precisa ser considerado no estudo da escuta.

> [...] os adultos podem interferir, para permitir um brincar e conversar livre por parte das crianças ou o contrário, para condicionar, induzir, as respostas das mesmas. Torna-se mais desafiador o processo de diálogo em alguns momentos com a interferência.

Na mesma direção, a entrevistada C acrescenta que, em alguns momentos, "parece que as crianças têm receio de contar as coisas, talvez, por medo dos adultos." Para analisar a fala da criança e a sua relação com a fala do outro é preciso, portanto, não apenas estabelecer os respectivos papeis dos participantes no diálogo, mas também reconhecer as voltas que a língua dá quando a criança incorpora a fala do adulto no intricado jogo que move a interação entre eles.

A criança, não só pela sua estatura física, mas também pela sua experiência de vida, tem um ângulo e uma visão de mundo diferentes daquela que nós adultos temos. Aceitar e legitimar esse lugar da criança permite-nos uma outra perspectiva sobre o mundo. Não estamos nos referindo a certo ou errado ou então às hierarquias desses olhares, mas ao ato de compreender e respeitar esses diferentes pontos de vista que podem promover descobertas inusitadas na/da pesquisa. "Convidar a ver (e a se ver) de outro ângulo é uma forma de intervir, de deslocar-se para um lugar onde possamos descobrir que há, em nós, algo que não conhecíamos até então" (PEREIRA, 2012b, p.106).

Em relação ao questionamento sobre como concebem que a escuta das crianças muda ou interfere na/s sua/s realidade/s enquanto pesquisadores ou na/s da/s crianças, a participante E faz o seguinte relato:

> Percebo como um desafio de extrema importância para mim, que aprendo muito com a escuta, em âmbito profissional e vital para me desenvolver como futura pesquisadora. Essa

> experiência trouxe-me acréscimos como ser humano e como profissional. Com relação às crianças, creio que, com algumas reticências, é importante para elas serem ouvidas, viverem um momento de acolhimento de forma diferente. Elas demonstraram gostar das propostas de brincadeiras e interagiram de forma orgânica. Além disso, através dessas pesquisas, torna-se possível pensar em políticas para contemplar esse grupo, viabilizando oportunidades de mudança, transformação.

Nesse excerto, a pesquisadora pondera os impactos da escuta na realidade das crianças porque a sua inserção ocorreu em espaços não-formais de grande vulnerabilidade. Logo, sua análise considera as dificuldades socioculturais que, para serem transformadas, carecem de avanços políticos e econômicos. Em outro registro, ela relata que percebe as interferências da escuta no âmbito da autoestima infantil, visto que muitas crianças se percebem, dentro dessa experiência, como seres dignos de serem ouvidos.

Sobre esse aspecto, cabe mencionar que a escuta qualificada é um instrumento fundamental para o fortalecimento da autoestima infantil, pois contribui para que a criança se reconheça como sujeito de direitos e de valor social. Quando a criança é escutada de forma respeitosa, ela sente que suas opiniões são válidas e importantes para o meio em que vive. Segundo Rinaldi (2002), "a escuta é uma atitude que reconhece o outro como produtor de conhecimento e respeita sua identidade singular" (RINALDI, 2002, p. 8). Essa prática favorece a construção de uma imagem positiva de si mesma, uma vez que a criança percebe que suas vivências e sentimentos são acolhidos e legitimados pelos adultos ao seu redor.

Além disso, a escuta proporciona ambientes mais democráticos, onde a criança sente-se pertencente e participante ativa nas decisões que a envolvem. De acordo com Rocha e Aguiar (2017), ao serem ouvidas, as crianças desenvolvem maior autonomia, autoconfiança e senso de pertencimento fatores que impactam diretamente na construção de uma autoestima saudável. O reconhecimento da criança como interlocutora capaz transforma não apenas o modo como ela se vê, mas também a forma como ela se posiciona frente aos desafios do cotidiano. Portanto, a escuta não é apenas um direito, mas uma ferramenta pedagógica e relacional que fortalece a criança em seu processo de autovalorização e desenvolvimento integral.

Em relação aos impactos da escuta na formação de graduandas(os), a pesquisadora C destacou que:

> As crianças que pude escutar [...] cada uma, fez-me relembrar da minha infância e de como é importante para mim, como mulher negra, saber que a representatividade é necessária. Foi significativo para mim, como pedagoga e pesquisadora, e, pelas minhas observações, foi significativo para as crianças também.

Nesse trecho, a participante relata uma transformação, que percebeu em si, sobre a pauta da representatividade étnico-racial. É interessante contextualizar que essa reflexão partiu de algumas atividades de escuta em que crianças negras comunicaram que não se sentiam bonitas e reproduziram expressões racistas que já haviam ouvido. A partir de uma análise sobre essa escuta, foi percebido pelo grupo de estudos fortes resquícios da relação adulto/criança ocorrida dentro de relações familiares e escolares. Nesse sentido, a representatividade foi compreendida como um elemento potencializador de uma outra percepção de si, dentro de um mundo ainda muito centrado em estereótipos e valores eurocêntricos.

Assim como essa situação, outras tantas foram geradas pelo processo de escuta. Concebemos, assim, que o exercício da escuta colabora para a formação de sujeitos pesquisadores das infâncias em um movimento subversivo, em que somos provocados a uma relação mais equalitária. Escutar as crianças envolve estudo, desprendimento de noções relacionais diretivas e prática constante. É um exercício que pode colaborar, em espaços não-formais, para a construção de uma cidadania ativa a todas as crianças.

No reconhecimento da criança como sujeito de direitos e de saberes próprios, desloca-se o olhar adultocêntrico que tradicionalmente domina as relações sociais e educativas. A escuta se torna, portanto, uma ferramenta política e ética, na medida em que legitima as experiências, percepções e vozes das infâncias. Nos diferentes contextos,seja em Ongs, comunidades tradicionais, instituições de acolhimento, escolas, ou outros tantos, garantir espaços de fala e expressão para as crianças significa também promover uma democracia mais ampla e inclusiva. Esse processo favorece a criação de territórios de participação, onde as crianças não apenas são ouvidas, mas também impactam nas decisões que afetam suas vidas.

Assim, a escuta qualificada contribui para a formação de comunidades mais justas, em que o reconhecimento da diversidade infantil se torna eixo estruturante. É nesse horizonte que a prática da escuta se reafirma como compromisso ético, educativo e social, orientando-nos

para uma convivência mais plural, respeitosa e sensível às infâncias em sua multiplicidade.

Considerações Finais

Relembramos que o nosso objetivo visou analisar a experiência de seis acadêmicos de Pedagogia diante do pesquisar com crianças em contextos não formais de educação. Assim, reiteramos que o cuidado e o respeito com a escuta da criança e a interpretação daquilo que ela manifesta é um desafio que se coloca para o pesquisador. Contudo, deve ser compromisso de quem desenvolve pesquisa, sobretudo com as crianças, revelar e evidenciar aquilo que ela de fato manifesta, processo que se inicia com o exercício de escuta.

Por tudo que foi apresentado, podemos apontar que os seis pesquisadores definem a escuta como um processo complexo, no qual a compreensão adultocêntrica constituiu-se como um desafio. A relação adulto/criança no contexto da escuta em espaços não-formais foi percebida como um ponto que carece de atenção, pela facilidade de ocorrerem interferências ou direcionamentos.

Sobre a possibilidade de mudanças na realidade das crianças e dos pesquisadores, este estudo mostrou que os participantes da pesquisa perceberam alterações nas suas percepções sobre a viabilidade do protagonismo infantil. Em relação às crianças, notaram efeitos na sua autoestima, pois elas passaram a sentir-se dignas de serem ouvidas.

O estudo, para além de evidenciar dados relevantes sobre pesquisa com crianças, revelou os desafios enfrentados por acadêmicos na condição de pesquisadores. O exercício de pesquisar não é tarefa fácil. Antes, é o contrário. É preciso estudo, dedicação, experimentar-se nesse papel, analisar, avaliar e, nesse processo, com persistência, qualificar o olhar e a escuta.

O termo “escuta” refere-se à possibilidade de compreender aquilo que a criança manifesta, o que nem sempre é pela oralidade ou pela expressão corporal. O silêncio pode ser uma manifestação extremamente significativa se o pesquisador estiver atento e conseguir ouví-lo. Nesse sentido, escutar exige uma postura de abertura e sensibilidade, capaz de captar os múltiplos modos pelos quais a criança se comunica com o mundo. A escuta não se limita à audição literal, mas compreende os gestos, os silêncios, os olhares, os desenhos, as brincadeiras e até mesmo as ausências. Esses elementos revelam universos simbólicos que expressam desejos, medos, afetos e experiências que muitas vezes escapam à

lógica adulta. Assim, a escuta da infância requer ultrapassar os limites da linguagem verbal e se ancora na atenção genuína às singularidades de cada criança.

Ao adotar esse olhar atento, o pesquisador ou educador se desarma das certezas e se coloca em relação, reconhecendo a criança como sujeito produtor de sentidos. Essa prática subverte hierarquias tradicionais e promove uma relação horizontal, baseada na confiança e na valorização das infâncias. Escutar é, portanto, um gesto político que reconhece os direitos da criança de ser ouvida em suas múltiplas expressões, legitimando seus modos próprios de habitar e significar o mundo. Nessa perspectiva, a escuta se torna um potente instrumento para a construção de contextos educativos mais democráticos, inclusivos e afetivos.

Esta pesquisa buscou evidenciar alguns desafios de pesquisas com crianças e tensionar algumas questões e interfaces relativas a esse processo, principalmente quando se trata de pesquisadores iniciantes.

Nesse percurso, torna-se evidente que a pesquisa com crianças exige uma constante revisão ética e metodológica, especialmente para aqueles que estão no início de sua trajetória acadêmica. A escuta atenta, o respeito às formas de manifestação e a construção de vínculos de confiança se configuram como elementos fundamentais para um trabalho sensível e responsável. Além disso, é preciso reconhecer os próprios limites enquanto pesquisador em formação, buscando estratégias de aproximação que não violem os direitos da criança, mas que valorizem suas narrativas e experiências. Assim, mais do que coletar dados, a pesquisa sobre e com crianças implica criar espaços de comunicação autênticos, para que as infâncias se expressem e se efetive um processo investigativo autêntico.

Referências

AGOSTINI, O. & MOREIRA, M. Quando fazer pesquisa com crianças significa negociar com adultos: Bastidores de uma pesquisa com crianças de seis anos em escolas. Ciências e Saúde Coletiva, v.24,n.10, p.3753-3762, 2019. Disponível em: http://cienciaesaudecoletiva.com.br/artigos/quando-fazer-pesquisa-com-criancas-significa-negociar-com-adultos-bastidores-de-uma-pesquisa-com-criancas-de-seis-anos-em-escolas/16676?id=16676BARBOSA, M; ALBUQUERQUE, S. & FOCHI, P. Linguagens e crianças: tecendo uma rede pela educação da infância. RevistAleph, 2013. Disponível em: https://periodicos.uff.br/revistaleph/article/download/39064/22502BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 2012.

BRASIL. Lei nº 8.069. Estatuto da Criança e do Adolescente. Brasília, DF: Presidência da República, de 13 de julho de 1990. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução no 510, de 7 de abril de 2016. Trata sobre as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa em ciências humanas e sociais. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 24 maio 2016. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2016/res0510_07_04_2016.html

BRONFENBRENNER, Urie. A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

CORSARO, W. Sociologia da infância. Tradução de Lia Gabriele Regius Reis. São Paulo: Artmed, 2011.

COSTA, A. & ASTIGARRAGA, A. A potente reflexividade das crianças. Ensino em Perspectivas, v. 2, n. 3, p. 1-12, 2021. Disponível em: https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/article/view/5990.

FERNANDES, Natália; MARCHI, Rita de Cássia. A participação das crianças nas pesquisas: nuances a partir da etnografia e na investigação participativa. Revista Brasileira de Educação, v. 25, p. e250024, 2020. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbedu/a/hr7QghNYKx3sY9QV6M7wktf/?format=html&lang=pt

GADOTTI, M. A questão da educação formal/não-formal. Sion: Institut Internacional des Droits de 1º Enfant, p. 1-11, 2005. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5633199/mod_resource/content/1/eudcação%20não%20formal_formal_Gadotti.pdf

GRAUE, E. & WALSH, D. Investigação etnográfica com crianças: teorias, métodos e ética. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

JAMES, A. Giving voice to children's voices: practices and problems, pitfalls and potentials. American Anthropologist, New York, v. 109, n. 2, p. 261-272, 2007. https://doi.org/10.1525/AA.2007.109.2.261.

MINAYO, M. & COSTA, A. Fundamentos teóricos das técnicas de investigação qualitativa. Revista Lusófona de Educação, n. 40, p. 11-25, 2018. Disponível em: https://www.redalyc.org/journal/349/34958005002/34958005002.pdf

PEREIRA, R. Um pequeno mundo próprio inserido num mundo maior. In: PEREIRA, Rita Marisa Ribes; MACEDO, Nélia Mara Rezende, 2012a. Infância em pesquisa. Rio de Janeiro: Nau.

PEREIRA, R. Pesquisa com crianças. In: PEREIRA, Rita Marisa Ribes.; MACEDO, Nélia Mara Rezende, 2012b. Infância em pesquisa. Rio de Janeiro: Nau.

RINALDI, C. A escuta das crianças. Pátio: Revista Pedagógica, Porto Alegre, n. 24, p. 6-9, 2002.

RHODEN, J & ZANCAN, S. A perspectiva da abordagem qualitativa narrativa de cunho sociocultural: possibilidade metodológica na pesquisa em educação. Educação, v. 45, p. 1-22, 2020. Disponível em: https://www.redalyc.org/journal/1171/117162553062/117162553062.pdf

ROCHA, E. M.; AGUIAR, W. C. Escutar crianças: desafios éticos e metodológicos para a pesquisa na infância. Educação em Revista, Belo Horizonte, v. 33, p. 87-103, 2017.

SARMENTO, M. As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª modernidade. In: SARMENTO, Manuel Jacinto; CERISARA, Ana Beatriz. (Org.). Crianças e miúdos: perspectivas sócio-pedagógicas da infância e educação. Porto: Asa, 2004.

SOUZA, M. e SÂMIA, M. Aprender a escutar crianças: um dispositivo de formação. Saber e educar, n.21, p.40-49, 2016. Disponível em: https://omlpi-strapi.appcivico.com/uploads/2088a81807d54045b0cb5f42b33770e8.pdf

Submetido em julho de 2026
Aceito em setembro de 2026
Publicado em novembro de 2026